

Educação, autonomia e outras formas possíveis de existência no mundo

MOREL, Ana Paula.

Um mundo onde caibam muitos mundos:
educação descolonizadora e Revolução Zapatista.
São Paulo: Autonomia Literária, 2023. 159 p.

Tempos obscuros, de agravamento das desgraças da sociedade capitalista, nos quais a emergência de reflexões sobre a construção de outros mundos e formas de existência por meio de uma educação autônoma servem de força motriz, para não sucumbirmos à pretensa fatalidade do caos imposto pela violência da desigualdade social em nível planetário. Com o intuito de problematizar o papel político da educação como ferramenta para o enfrentamento das contradições intrínsecas da atual conjuntura, trazemos à baila as reflexões empreendidas por Ana Paula Morel (2023), em sua obra *Um mundo onde caibam muitos mundos: educação descolonizadora e Revolução Zapatista*. A autora é antropóloga, educadora popular e professora da Universidade Federal Fluminense. O arcabouço teórico utilizado coaduna uma discussão que congrega elementos de Educação Popular (FREIRE, 2011), Educação Libertária (GALLO, 2007), Autonomia (FREIRE, 2001) e Cosmopolítica (STENGERS, 2007), servindo de base sólida ao unir o campo em sua dimensão prática e o teórico em sua condição reflexiva.

O trabalho se destaca por amalgamar a práxis do fazer educativo concreto, por vezes contraditório, e a robustez teórica e analítica demandada por sua complexidade. A presença do lema zapatista no título do livro, “um mundo onde caibam muitos mundos”, nos compele a refletir sobre o que entendemos por mundo, bem como sobre quem pode existir e usufruir desse mesmo mundo e quais as formas de enfrentar a violência dele decorrente. A obra se organiza a partir da *Apresentação* e posteriormente traz quatro capítulos, a saber: *Autonomia: cuidado próprio de um povo*; *Educação Autônoma: um caminho para o Chanel*; *Espíritos, Deuses e o Mundo*; e *A Terra*.

Iniciando pela *Apresentação* do livro, podemos dizer que a autora proporciona a leitores e leitoras um contato mais próximo com as singularidades do Movimento Zapatista, tendo em vista o fato de ser pouco conhecido no Brasil. O movimento teve início em 1º de janeiro de 1994 e sua característica intrínseca está na própria composição, majoritariamente de indígenas habitantes do estado de Chiapas, sudeste do México. Foi por meio de um levante armado que esses/as indígenas expressaram sua indignação contra a exploração sofrida no trabalho no campo e as péssimas condições

de vida. Tal contexto proporciona a compreensão dessa luta como sendo não apenas pela sobrevivência ou melhores condições de trabalho, mas também como forma de combater o monopólio da terra, usurpadas dos povos historicamente nativos, e as grandes propriedades rurais dominadas por elites exploradoras.

Ana Paula Morel inicia suas reflexões partindo de um elemento notório quando se trata desse movimento, que é sua busca ininterrupta pela construção e o exercício da autonomia. Compete reforçar, conforme apontado pela pesquisadora, que a Autonomia Zapatista, a despeito de quaisquer significados que já possamos ter visto, se torna maior no contexto de luta dos povos indígenas, personificando a radicalização do que compreendem como modo de viver e existir no mundo. Concretamente, esse posicionamento leva o movimento a se afastar totalmente de quaisquer instituições privadas, assim como das instituições estatais. Inserida nessa dinâmica, a Educação Autônoma se materializa como pilar e força motriz da autonomia pleiteada pelo movimento.

À vista disso, nos parece lícito dizer que essa é uma concepção de educação que busca descolonizar o conhecimento, romper com a hierarquizações, valorizar a vida em comunidade, reconhecer o compromisso coletivo com o bem comum, aproximando sujeitos/as e natureza, espírito e terra, e combatendo a violência histórica da colonização, a exploração, a desigualdade do modo de produção capitalista e o Estado burguês. A concepção de Educação Autônoma zapatista tem relações de proximidade com o que concebemos como Educação Popular, inclusive com referências diretas às reflexões empreendidas por Paulo Freire (2011). Todavia, pensar tal experiência sob o ponto de vista de uma manifestação específica de Educação Popular pode incorrer em um equívoco, dadas sua dinâmica e sua singularidade como elementos perenes de debate, disputas, conflitos e reflexões.

O capítulo 1, *Autonomia: cuidado próprio de um povo*, traz a concretude do cotidiano vivido pelos/as zapatistas, marcada pelo enfrentamento e superação de obstáculos, bem como pela violência, inclusive física, vinda do Estado que os/as combate de maneira veemente. Mesmo diante desse contexto inóspito, a autonomia emerge como bem maior dos/das indígenas pertencentes ao movimento. Conforme aponta a autora:

A autonomia não é um princípio abstrato pairando sobre o cotidiano, mas existe, sobretudo, a partir da vida coletiva construída pelos zapatistas, com todas suas dificuldades e potências. Entre pausas e calmas tão presentes entre os mayas, os educadores zapatistas explicam que não se trata de dar receitas, ou fórmulas fechadas, mas lutar pela destruição do capitalismo, com a criação de mundos desde baixo (MOREL, 2023, p. 27).

Em se tratando das representações sobre os territórios zapatistas fora do México, a autora destaca que não é incomum quem pense que existam territórios dominados unicamente pelo movimento, o que, entretanto, é uma imagem que destoa da realidade.

Chiapas é composto de territórios onde a organização social é marcada por comunidades nas quais convivem zapatistas e partidistas, indígenas não pertencentes ao movimento, que participam de programas sociais do governo e de partidos políticos. Tal realidade, apesar de variar de comunidade para comunidade, tem influência direta no movimento. O Estado tenta cooptar seus membros diuturnamente, com políticas assistencialistas; por isso os/as indígenas reforçam que o zapatismo é uma luta construída todos os dias, de maneira coletiva, com a participação do povo. A tentativa do Estado de projetar o desejo por bens materiais é uma dificuldade, uma vez que os/as indígenas zapatistas inseridos/as no movimento vivem uma realidade precária, o que torna a organização vital para a coesão do coletivo.

Ao retomar os primórdios das ações empreendidas por indígenas, Morel demonstra que o movimento passou por transformações, embora não tenha se afastado em nenhum momento da luta pela terra, contra o capitalismo e pela radical busca da autonomia em relação ao Estado, cujo auge foi a formação de municípios autônomos, que passaram a fazer seus próprios registros de nascimento e casamento, entre outras ações. Nesse sentido, a autonomia se torna a força motriz que proporciona outras formas de existência e organização da vida, centralizada na coletividade, no debate amplo e irrestrito em assembleias, sem hierarquias de quem ordena e quem obedece, o que torna as pessoas centrais no poder decisório, em sua relação comunitária. Desde 2003 o movimento recusa manter qualquer relação com o Estado, não vota e se mantém absolutamente afastado do poder instituído – uma ilustração da radicalidade da autonomia concebida pelos/as zapatistas.

O capítulo 2, *Educação Autônoma: um caminho para o Chanel*, é marcado pela riqueza de detalhes quanto às experiências da pesquisadora no dia a dia das escolas zapatistas, participando das formações destinadas aos/as promotores/as da educação, o que para nós seriam os/as educadores/as. O movimento parte de uma noção de educação que ultrapassa a compreensão da escola enquanto única instituição de formação. As escolas autônomas não têm relação com instituições como Secretarias de Educação, portanto, prescindem de diplomas e certificados. São geridas por assembleias, e a participação é irrestrita. Os conteúdos se assentam em três vertentes: a valorização dos saberes locais, os conhecimentos vindos de fora das comunidades e a reflexão sobre sua utilidade, necessidade e o que se deseja com eles.

As práticas educativas estão fundamentadas no que a autora nomeia de “metodologias abertas”, utilizando-se recorrentemente de perguntas para o alcance do que os/as sujeitos/as desejam aprender mediante sua realidade concreta. O objetivo maior é alcançar o *Chanel*, ou a *educação verdadeira*, a experiência existencial de um povo pertencente a um lugar, amalgamando necessidades e interesses do coletivo, diretamente vinculada ao viver cotidiano e à luta pela garantia desse viver. Com base nessas reflexões, Morel aponta as potencialidades de tais experiências educativas para a formação de pessoas comprometidas não apenas consigo, mas com os/as outros/as.

Em *Espíritos, Deuses e o Mundo*, título do capítulo 3, a autora fornece a dimensão da linguagem enquanto base educacional para se pensar sujeito/a, cosmopolítica e território. A complexidade semântica é de difícil tradução, pois a relação do ser com as palavras possui reciprocidade, além da própria polissemia de cada termo. As palavras e os diálogos caminham junto com os conflitos e percorrem o trajeto à medida em que são pensadas as possibilidades de construí-lo. De acordo com a cosmovisão zapatista, ter consciência e engrandecer o *Ch'ulel*, que pode ser traduzido como alma, espírito, dignidade, consciência, seriam formas de aprender a vida, respeitá-la e promover um desenvolvimento contínuo em relação ao mundo. É um esforço para organizar encontros e relações na vida coletiva. Por esta noção de *Ch'ulel* entende-se que o fortalecimento do saber zapatista e de suas comunidades passa pelo respeito à terra, ao território e todos/as que de alguma maneira ali habitam; a autonomia dos povos seria, assim, uma forma de engrandecê-lo.

Ana Maria Morel se aprofunda no léxico zapatista como forma de apresentar a conexão dos povos com a terra. De acordo com a autora, a autonomia zapatista busca vida digna para suas comunidades, um bom viver (*Lekil Kuxlejal*), e para isto é necessário um diálogo constante com as divindades (*Yaj'val*). Deuses e deusas também fazem parte dos elementos que compõem o território, como árvores, montanhas, rios, terra etc., portanto, quem conhece bem a terra consegue dialogar mais facilmente com eles e elas. *Yaj'val Balamil* traduz-se como a pessoa que se apoderou da terra em nome da propriedade privada e da exploração, prática que é combatida pelos/as zapatistas, que acreditam que os/as *Yaj'val* pertencem à terra, enquanto a terra pertence aos/as zapatistas. É uma relação de vínculo e reciprocidade, não podendo ser uma relação de posse e exploração.

Dessa forma, a terra é também o lugar de deuses e deusas, é a origem de um mundo perfeito e o início da vida na terra (*Slikem Balumil Kuxlejal*). Dentro dessa noção, os/as zapatistas creem que a vida é um processo de temporalidade cíclica, e essa temporalidade vem sendo alterada por elementos que irritam deuses e deusas, como a destruição promovida por agentes do capitalismo e pela colonização. Portanto, o fim do mundo (*Slaje'm Balumil*) seria apenas um processo que se repete de tempos em tempos, e que nós já o estamos vivenciando, neste momento. Na cosmovisão zapatista, tudo que existe tem sua função (*Aiel*), e a autonomia é a prática da liberdade enquanto coletivo, promovendo um reconhecimento da grandeza do/da outro/a (*Ichbail Tamuk*). Essa ideia traz a noção de que as relações não são construídas de forma unilateral, pois tudo tem seu lugar e sua função no mundo. O capítulo finaliza bifurcando a semântica do termo *Kuxlejal* em duas possíveis traduções, que são *vida e resistência*, ou seja, a força vital do engrandecimento do *Ch'ulel*.

No capítulo 4, *A Terra*, Morel traz uma explanação mais aprofundada sobre a conexão dos/das zapatistas com a terra e explica por que os processos de *reposicionamento*

(ocupação de terras, retomada de terras) são práticas importantes na cosmopolítica indígena. Povo e terra dividem a mesma palavra na linguagem zapatista, *Lum*, e essa definição torna impossível dissociar o ser do território que habita, *Yajal Lum* (povo de um lugar), pois a terra é o que traz autonomia, respiro, liberdade e tempo próprio, alheio ao capitalismo. Retomar a terra, portanto, seria uma forma de recuperar o contato com deuses e deusas, fator essencial de luta e de sobrevivência. *A'mtel* (trabalho verdadeiro) seria a atividade dos/das zapatistas no território, que dependem da terra para sobrevivência, e *Bats'i kuslejal* (vida verdadeira) seria a vida coletiva como forma de ampliação das potencialidades. Os empreendimentos governamentais nos territórios das comunidades são prejudiciais, pois privatizam terrenos sagrados e fazem com que os/as indígenas fiquem dependentes de produtos industrializados, por exemplo. Perdem o contato com a terra, com a semeadura e a colheita, impossibilitando o diálogo com deuses e deusas.

Verdade, para os/as zapatistas, diz respeito à experiência de um povo em um lugar que é intrínseco dessa relação, que pertence e é apropriado por ele. É um vínculo recíproco que não passa pela posse, mas por estarem compartilhando a vida naquele momento. Possuir a terra nos moldes legais praticados pelo Estado nega a existência indígena, sua cosmopolítica, sua forma de dialogar com o sagrado e sua relação de pertencimento ao território. Aprender a dialogar e negociar com os diferentes seres do mundo, base para a educação autônoma e libertária promovida pelos/as zapatistas, desenvolve a grande rede de relações que é a vida na terra. Aprender sobre a terra e sobre um povo são elementos indissociáveis para uma proposta educativa autônoma nas comunidades zapatistas.

No horizonte, não como dádiva e sim como conquista, desponta a possibilidade de uma sociedade mais humanizada, onde as pessoas se importem com a sua realidade, mas também a realidade de outros/as, uma sociedade menos consumista e mais comunitária, menos desigual e mais horizontal, menos violenta e mais colaborativa, menos destruidora do planeta e mais espiritualizada, em que as pessoas sejam capazes de pensar criticamente suas ações com base em preceitos de uma vida ética e em relação direta com seu lugar, seu mundo. Como diz o poeta Emicida (2017) em sua música *Oásis*, “esquecer notícias difíceis, bombas, mísseis, faixa de Gaza, simples crer que ainda vou ouvir ‘cê’ dizer... ‘mi casa, su casa’, tipo um oásis”. Nada mais radical, libertário e autônomo que almejar o mundo como um oásis para todos e todas.

Recebido em: 22/04/2025; Aprovado em: 28/05/2025

Referências

EMICIDA. *Oásis*. Single. São Paulo: Laboratório Fantasma Produções, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALLO, Silvio. *Pedagogia Libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo: Imaginário, 2007.

STENGERS, Isabelle. *Politique du savoir, politique des faits*. Multitudes Web. 2007.

 FRANCISCO ANDRÉ SILVA MARTINS

Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil.

 ADRIANO OLIVEIRA BANDEIRA DE MELO

Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil.